

Instituto de Estudos Superiores Militares



ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO 2009/2010

4DEZ09

Discurso do Vice-Almirante Director, Álvaro Sabino Guerreiro

- Senhor Ministro da Defesa Nacional, Senhor Professor Doutor Augusto Santos Silva.

Para os que trabalham no Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), é uma grande honra receber o Senhor Ministro da Defesa Nacional, numa casa que é sua. Uma presença que naturalmente nos estimula a prosseguir ainda com maior determinação o nosso caminho para o futuro. Ter aceite presidir a esta sessão solene é tanto mais assinalável, quanto o facto de só há bem pouco tempo ter assumido o cargo e, ainda assim, ter tido disponibilidade para entretanto ouvir o Director desta casa explicar-lhe as várias questões em aberto. Ouvir, é precisamente uma atitude que frequentemente recomendo junto dos alunos dos vários cursos deste Instituto, e dos auditores, um termo de que particularmente gosto e que pretende caracterizar a capacidade de ouvir dos Capitães-de-mar-e-guerra e Coronéis que frequentam o Curso de Promoção a Oficial General.

- Senhor General Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas

VEXA assumirá em breve a tutela do Instituto. Contamos com a sua compreensão e o apoio para prosseguirmos o nosso trabalho de consolidação do IESM como Instituto Universitário, um Instituto que pretendemos de excelência, para servir as Forças Armadas a Guarda Nacional Republicana (GNR) e o país.

- Senhor Presidente da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República

Agradeço também a sua presença, após ter tomado posse de tão elevado cargo há bem pouco tempo. A Comissão de Defesa Nacional tem um papel fundamental no âmbito da consideração da problemática da Segurança e da Defesa nacionais. Desejo-lhe os maiores êxitos, porque alguns deles serão também benéficos para o cumprimento das missões das Forças Armadas.

- Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada
Senhor General Chefe do Estado-Maior do Exército
Senhor General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

Os Ramos das Forças Armadas são a razão essencial da existência deste Instituto. Foi a partir dos institutos dos Ramos que se criou o IESM. Nunca o esquecemos. Vossas excelências são dos mais interessados no produto do nosso trabalho e os mais determinantes na definição dos recursos existentes, de que sublinho os recursos humanos que entendem indigitar para prestar serviço no Instituto. Estamos satisfeitos com a cooperação existente, que reconhecemos penhoradamente. Estamos também permanentemente atentos às vossas indicações e sugestões e disponíveis para melhorar o nosso desempenho, quando possível. Esta casa continua naturalmente a ser a vossa casa.

- Senhor Deputado da Assembleia da República, Senhor Doutor Marques Júnior, Caro Camarada
- Senhor General Chefe da Casa Militar do Presidente da República.

Cumprimento VOSSA EXCELÊNCIA, sublinhando que também nunca esquecemos que SEXA o Presidente da República é o Comandante Supremo das Forças Armadas.

- Senhor Chanceler das Antigas Ordens Militares
- Magnífico Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa
- Senhor Vice-Reitor da Universidade Nova de Lisboa, em representação do Magnífico Reitor da Universidade Nova de Lisboa
- Senhor Governador Civil de Lisboa
- Senhores Oficiais Gerais Antigos Chefes dos Estados-Maiores
- Senhor General representante do General Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana

O Comando-Geral da GNR é também um dos principais interessados no nosso trabalho. Estamos muito bem com a GNR, cujo curso de promoção a oficial superior terá sido o que sofreu um maior impulso renovador depois da criação do IESM, fruto da acção conjugada entre o Departamento de Ensino do IESM e

a Universidade Nova de Lisboa, que se traduziu no estabelecimento de um protocolo com resultados muito positivos.

- Senhores Oficiais Gerais
- Senhor Tenente-General, Contra-almirante e Major General comandantes das Academias Militares e da Escola Naval
- Senhor Intendente Director do Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança Interna, em representação do Director Nacional da PSP
- Senhor Professor Doutor Adriano Moreira e restantes professores civis
- Senhores conferencistas civis e militares
- Senhoras e senhores convidados
- Senhores oficiais gerais subdirectores, dois deles a assistir a esta sessão através de vídeo conferencia no Auditório Gago Coutinho, juntamente com outros oficiais do corpo docente, pessoal dos serviços de apoio e discentes deste Instituto.
- Senhores coordenadores de área de ensino e directores dos cursos e responsáveis pelos diversos organismos de apoio.
- Senhores professores militares.
- Senhores auditores e alunos
- Senhores oficiais, sargentos, praças e funcionários civis do Instituto
- Minhas senhoras e meus senhores

O Mundo vive em INCERTEZA ESTRATÉGICA.

Esta circunstância, num país que se insere num espaço democrático e aberto como o europeu, temperada no compromisso da relação transatlântica, aqui ao lado do "Oceano Moreno", influencia decisivamente as operações em que são envolvidos os militares, sejam eles das Forças Armadas ou da GNR, designadamente quando são projectados em missões no exterior.

À incerteza estratégica, nós os militares, temos que contrapor:

- a certeza dos nossos VALORES, de que destaco os que estão na base da condição militar, designadamente a disponibilidade para servir a Pátria onde e como necessário, de acordo com as decisões do Poder Político;

- e também a DISCIPLINA, livremente consentida.

De facto, devemos contrapor à incerteza estratégica a certeza dos nossos valores, que alguns tendem a considerar antiquados e onde, em essência, reside uma enorme disponibilidade para o Serviço Público.

Sublinho ainda a camaradagem e a amizade, que ultrapassa as fronteiras do serviço activo e que se projecta na família militar, transformada em solidariedade no caso dos ex-combatentes.

E também os padrões éticos de comportamento, que se pretendem elevados. Mesmo que ética, seja hoje, uma palavra gasta.

Não somos melhores nem piores que os outros grupos profissionais, mas temos que assumir as nossas diferenças e manter toda a serenidade e paciência, mesmo quando menos considerados.

O povo português conhece-nos e dá-nos a sua confiança, como o demonstram recentes sondagens à opinião pública.

E é esta confiança que temos que continuar a merecer, para o bem servir.

À incerteza estratégica temos também que contrapor CONHECIMENTO.

Um conhecimento multifacetado, que percorre praticamente todas as áreas, da Arte Operacional Militar, à Estratégia, à Geopolítica, à História, ao Direito, ao estudo dos fenómenos religiosos, à Administração dos Recursos, à Sociologia Militar, etc.

Um conhecimento cuja necessidade é ampliada pela crescente complexidade das outras missões de interesse público, que as Forças Armadas também desempenham.

Um conhecimento que vem desde a formação inicial, nas nossas universidades militares, já em cooperação com universidades civis, onde os cadetes aprendem a ser oficiais, desenvolvendo as competências que lhes permitem comandar homens em ambientes crescentemente complexos do ponto de vista tecnológico, obrigando a um permanente reequipamento das forças empregues nos diversos teatros operacionais.

Até uma formação complementar, nesta casa, em que se contribui decisivamente para que os oficiais ascendam à categoria de oficial superior, desempenhem com maior eficácia funções de estado-maior ou reúnam as

condições para ascender ao almirantado ou generalato. Isto significa somar à formação inicial e ao conhecimento entretanto adquirido nos postos de trabalho e noutras acções de formação, áreas mais abrangentes do conhecimento, em que, no fundo, se tenta contribuir para descodificar um Mundo também crescentemente complexo e imprevisível, com elevados níveis de conflitualidade.

Formação complementar, essencialmente constituída por cursos de promoção e de estado-maior, que pode ser uma oportunidade para os oficiais passarem a trilhar novos caminhos. Novos caminhos que os valorizam pessoalmente e o Ramo ou a GNR a que pertencem. Em que podem atingir o doutoramento, agora com mais apoio institucional, através de parcerias com universidades públicas, conforme o oportunamente fixado na lei.

Novos caminhos em que a calçada são os conceitos, alicerçados numa Doutrina entendida do ponto de vista da sedimentação das lições aprendidas e não em dogmas condicionantes da reacção perante o inesperado.

Por isso é importante consolidar o IESM como Instituto Universitário Militar.

Uma instituição onde continue, com toda a naturalidade, para surpresa de alguns, o exercício responsável da liberdade académica.

Onde não há assuntos tabu.

A consolidação do IESM como Instituto Universitário, foi o objectivo que defini para nortear a minha acção como Director, desde há um ano.

É este o objectivo que consta nas directivas publicadas, na do Director e nas directivas sectoriais dos Subdirectores.

E deste objectivo não nos desviámos um milímetro, a não ser para retomar o fôlego e prosseguir esta construção.

Que é uma construção NOVA.

Um Instituto Universitário Militar é de facto uma construção nova.

Em que está presente a qualidade académica dos anteriores institutos, de cuja fusão, há quatro anos, resultou um caudal renovado de acção cooperativa entre os Ramos das Forças Armadas.

Uma construção nova em que as autonomias universitárias ensaiam uma vivência diferente com a dependência hierárquica característica das organizações militares.

Que já trabalha com os conselhos Científico e Pedagógico, em substituição do plenário do Conselho Escolar, onde naturalmente se integram ou irão integrar-se alunos e personalidades académicas de reconhecido mérito.

Em que o centro de gravidade é o aluno.

Uma construção que integra os quatro pilares que são os Ramos das Forças Armadas e a GNR.

Uma construção em que convive o ensino da tática com o da estratégia, na acepção que nós, os militares, damos a estas palavras. Em que a formação sobe abruptamente do nível da acção no terreno, à dialéctica da Vontade dos estados e dos povos.

Em que convive o nível de formação inicial do politécnico, com o ensino universitário.

Em que, por exemplo, é possível descortinar neste mesmo auditório, na componente formativa comum e conjunta dos vários cursos de promoção a oficial superior, praticamente todas as classes, armas, serviços e especialidades dos oficiais das Forças Armadas e da GNR, este ano num total de quarenta e nove.

Onde existem médicos, técnicos de diagnóstico e terapêutica, engenheiros de várias formações, pilotos, com a mesma qualificação que no mundo civil ou até superior, só para citar especialidades e áreas do conhecimento mais afins com este universo. Mas onde coexistem os oficiais de cavalaria, de artilharia, da classe de marinha ou administração aeronáutica, com a mesma sólida formação científica, embora mais centrada no "ethos" militar.

E onde coexistem oficiais que já conseguiram por si próprios graus académicos em universidades civis, para além daquele que confere a sua formação inicial, ou que ainda são mestrandos e doutorandos. Entre pós-graduações e mestrados, mais um professor doutor no Curso de Promoção a Oficial General, contei quarenta e dois.

Uma construção com uma arquitectura aberta, que se abre nas componentes formativas específicas dos diversos Ramos e da GNR para resolver a equação da diferença. De uma diferença que também existe dentro de um só Ramo ou na GNR, obrigando a considerar várias tonalidades dentro de alguns dos cursos.

Por isso a problemática do específico é tão relevante.

Arquitectura aberta, pensando também nos mais jovens a quem gostaríamos de reforçar a sensibilização para as problemáticas da Geopolítica e da Estratégia, segundo a ideia original do Almirante Sachetti, de saudosa memória.

Ou, em altura adequada, também de abertura a alunos civis, que poderão beneficiar, no âmbito de protocolos com outras universidades, da frequência de algumas disciplinas dos nossos cursos, designadamente nas componentes formativas complementares.

Aberta também ao mundo empresarial ligado às indústrias de defesa e que reiteradamente nos escolhem para a realização de diversos eventos, como é o caso da AFCEA, da EMPORDEF ou da ESRI, apoiando-nos por sua vez com patrocínios para as nossas edições do Boletim ou livros do IESM.

De uma construção que acolhe camaradas de países amigos, designadamente lusófonos e de países aliados, com níveis de formação diferenciados.

Uma construção que não tem igual, tal como na Escola Naval e Academias Militares, porque não há oficiais das Forças Armadas e da GNR no mercado de trabalho, disponíveis para contratação.

Que tem que contar com o seu Corpo Docente próprio de professores militares colocados no IESM, querendo aqui reconhecer as escolhas acertadíssimas efectuadas pelos Ramos e GNR relativamente aos elementos do corpo docente que iniciaram a sua comissão este ano escolar.

Mas que busca a cooperação dos doutorados militares onde quer que estejam, no activo, reserva ou reforma, para reforço da nossa credibilidade do ponto de vista académico e cumprir com os requisitos legais para a acreditação no âmbito do ensino superior em geral.

Estes doutorados, representam, em nosso entender, uma das melhores sínteses entre a cultura organizacional militar e a competência académica.

Síntese magistral no caso do Professor Doutor Adriano Moreira, oriundo do mundo académico e político, mas que tão bem soube entender as suas Forças Armadas, que tanto lhe devem. Ou do Professor Doutor Jorge Miranda, tornado indispensável nesta casa, para citar alguns dos professores civis.

Um IESM que procura a cooperação, em parcerias estratégicas, com universidades civis.

Uma estrutura flexível, que beneficia do esforço dedicado de inúmeros conferencistas, militares e civis, que nos transmitem, no caso dos militares, o que de mais actualizado se passa nas diversas áreas funcionais dos Ramos e GNR ou, no caso dos conferencistas civis, o topo do conhecimento das diversas áreas científicas, de uma forma generosa e tão dedicada e competente, que só me permite usar a palavra mais singela para lhes agradecer – obrigado.

De uma construção suficientemente ampla para albergar a Cooperação Técnico-Militar com Angola e, muito recentemente, com Moçambique, onde ajudamos a edificar institutos semelhantes a este. Falamos portanto do IESM como vector de afirmação estratégica de Portugal, no âmbito da formação dos quadros superiores das forças armadas de países amigos em África. De um IESM ainda disponível para um maior dinamismo no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), onde integramos um Centro de Análise Estratégica.

Que continua a relacionar-se, agora mais fortemente com os nossos amigos da Escola Superior das Forças Armadas de Espanha, com trabalho feito em diversas iniciativas de carácter bilateral e também multilateral, ao mesmo tempo que busca um reforço da cooperação com os nossos irmãos do Brasil.

De uma construção que entretanto implantou novos alicerces na área da Investigação, criando um Centro de Investigação de Segurança e Defesa do IESM, com o seu Conselho Científico e cinco Núcleos de Investigação (Estratégia, Administração e Recursos da Defesa, Estudos Africanos, Arte Operacional e Direito Internacional Humanitário), chefiados, em regra, por professores militares do IESM envolvidos no programa de valorização académica dos docentes, em projectos de mestrados ou doutoramentos. Núcleos de Investigação de onde derivam, por cada um, várias linhas de investigação, que por sua vez inspiram os temas dos trabalhos de investigação. Que no caso do Exército, com uma Área de Ensino Específico mais robusta, colabora na elaboração de diversas publicações doutrinárias próprias da componente terrestre. E que integra, na lógica atrás referida, os resultados da investigação anual de mais de trezentos discentes, em trabalhos elaborados com as rigorosas regras do método de investigação científica adoptado e que segue as normas gerais da investigação universitária.

Um edifício renovado, que reiniciou a publicação de livros e do Boletim, de que hoje lançamos o Número 6, em parceria com uma editora privada – a Prefácio, que não teme, portanto, o julgamento do público consumidor, que pode adquirir estas publicações. Agradeço ao Professor Doutor Armando Marques Guedes, grande amigo desta casa, o facto de se ter aventurado connosco por este caminho.

Em que o mundo universitário militar se abre cada vez mais ao ensino superior civil, sem complexos, sem receios, com o lastro antigo da qualidade do trabalho dos ex-institutos e com a tranquilidade de quem tudo tem tentado e tenta para fazer bem.

Em que se procura trabalhar de forma cada vez mais integrada, porque a acção no mar, em terra e no ar é conjunta e combinada, com os Ramos das Forças Armadas nacionais, com a proximidade das forças de segurança, neste instituto materializadas na GNR, e com os países amigos, com quem integramos as alianças indispensáveis ao nosso país.

Porque a Segurança e a Defesa é responsabilidades de todos.

Não esquecemos a gestão dos meios, que naturalmente deve ser cada mais racionalizada.

Onde não temos receio e só vemos vantagem na comparabilidade com outros institutos universitários portugueses, a qual Bolonha finalmente nos propicia.

Ou ainda, da comparabilidade com a formação equivalente de militares noutros países, onde a nossa preparação é anualmente testada no exercício internacional "Combined Joint European Exercise" (CJEX), num círculo constituído por cinco países amigos e aliados - Holanda, Suécia, Dinamarca, Bélgica e Portugal.

Finalmente, uma construção em que o mundo real é já ali. Que recebe oficiais que mal despiram o fato de embarque azul que usam a bordo dos nossos navios, o fato de voo, ou o camuflado ainda impregnado das areias dos desertos ou da lama das matas.

Senhor Ministro da Defesa Nacional.

Há muito para fazer.

Para isto conto, como sempre, com os meus subdirectores, os coordenadores de área de ensino, os directores de curso, os professores e os que servem nos diversos segmentos orgânicos que apoiam o Instituto. Conto também com o futuro apoio do Senhor General CEMGFA, à semelhança do que aconteceu com o apoio recebido do Ministério da Defesa Nacional, de que tenho que destacar, na proximidade da transferência da tutela, não só a disponibilidade dos Senhores Ministros, mas a atenção permanente do Chefe de Gabinete de SEXA o MDN, do Secretário-Geral, do Director-Geral de Política de Defesa Nacional e do Director-Geral do Pessoal e Recrutamento Militar. Sublinho ainda, por ser de elementar justiça, o excelente relacionamento com o Inspector-Geral de Defesa Nacional, que nos apoiou na área da formação e com as sábias recomendações constantes nos relatórios das inspecções efectuadas.

Os auditores e alunos são gente madura, testada, seleccionada, que sabe do interesse dos cursos, quer do ponto de vista pessoal ou profissional. Tenho a consciência de que tudo o que a direcção, o corpo docente e o apoio fizer por eles, será sempre insuficiente para a avidez do conhecimento que lhes é intrínseca.

Não vou maçar mais VOSSA EXCELÊNCIA e esta assistência, nem com a descrição exaustiva do que fizemos nem com os problemas que temos para resolver.

Reagiremos imediatamente à publicação do Estatuto, acelerando os estudos conducentes à transferência para a dependência do General CEMGFA e propondo para publicação, ou publicando, o normativo complementar essencial ao funcionamento do Instituto, que já vigora a título transitório.

Faremos a revisão, logo que possível, das parcerias estratégicas com as diversas universidades para se dar corpo ao ciclo ou ciclos de estudos de doutoramento, flexibilizar a estrutura curricular do Curso de Estado-Maior Conjunto e colocar todos os alunos dos diversos cursos de promoção em pé de igualdade no que respeita ao potenciar da formação adquirida para obtenção

de graus académicos, o que indicia a necessidade de melhorar a coordenação com os Ramos e GNR, atenta a problemática da gestão dos recursos humanos fora da acção formativa nesta casa.

Reavaliaremos as condições para que seja possível prosseguir com os projectos de Cooperação Técnico-Militar e outra cooperação internacional em que estamos envolvidos.

Não irei falar de questões de ordem administrativa, porque as resolveremos quando e como for possível.

Mas quero ainda sublinhar, terminando, um potencial ainda com margem para explorar.

Porque provámos que somos capazes de trabalhar, com toda a normalidade, de forma integrada. Visando a acção conjunta.

A união vai-nos trazendo mais força, maior capacidade para nos dirigirmos para o que é essencial. E esta força fará o seu caminho, contribuindo para ainda uma maior unidade no âmbito das Forças Armadas e GNR.

"Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. "

VOSSA EXCELÊNCIA Senhor Ministro citou recentemente Virgílio Ferreira no Instituto de Defesa Nacional.

Permita-me que "navegue" um pouco mais com o escritor.

"Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outras se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação."

De tudo o que eu disse, sintetizo que gostaria que o IESM fosse um lugar de inquietação. De desassossego intelectual. De onde se traçam os limites do nosso pensar e sentir.

Foi de inquietação que se obteve a matéria-prima para se iniciar a construção do IESM.

Só com inquietação se defende Portugal e se faz o País andar para a frente.

Disse